

Mocidade Cristã

Ano XVIII

Outubro a Dezembro de 1956

Número 73

Par

Pregadores do Evangelho proclamam a verdade que Cristo morreu por pecadores. Infelizmente, há muitos que não entendem que a preposição «POR» tem dois sentidos bem diferentes, que, às vezes, eles confundem. A palavra «por» significa «em favor de» e também «em lugar de». O primeiro destes sentidos representa a doutrina da *propiciação*; o segundo é *substituição*. É de máxima importância que pregadores entendam bem esta diferença, e não confundam seus ouvintes. Cristo fez propiciação por todos os pecadores, mas somente os crentes que têm realizado o valor desta obra redentora, podem dizer verdadeiramente: «Cristo morreu em meu lugar» ou «Ele era meu Substituto». Dizemos que Deus não exige pagamento duas vezes pelos nossos pecados, isto é, primeiramente das mãos do nosso Feador e, depois, das nossas mãos.

Vamos dizer que um homem rico se oferece a pagar as dívidas dos seus operários e tem depositado uma grande soma de dinheiro no banco para este fim. Então ele convida os endividados para comparecer em seu escritório num certo dia, trazendo documentos para mostrar o tamanho das dívidas. Somente as dívidas dos que viessem seriam pagas.

Assim Cristo fez propiciação pelos pecados de toda a humanidade e há valor suficiente no sangue vertido na Cruz para purificar TODOS os pecados de todos os homens. Aquêles que não aproveitam Seu convite, não são perdoados.

Alguns pregadores e escritores en-

ganam seus ouvintes ou leitores, embora com o desejo de ajudá-los. Ouvimos um pregador dizer que Cristo morreu no lugar de Voltaire, o ateu. Depois, perguntamos se ele pensava que Voltaire estivesse no Céu, e respondeu «certamente não». Dissemos-lhe que seria impossível que sua alma fôsse perdida, se Cristo morreu em seu lugar e pagou sua conta. Assim não devemos dizer que Cristo foi o substituto na Cruz, morrendo no lugar de Voltaire.

Recebemos, há pouco tempo, um tratado contendo a seguinte conversa entre um pregador e um homem que ele desejava ajudar.

PREGADOR: O senhor crê que é pecador?

HOMEM: Certamente creio.

PREGADOR: O senhor crê também que Cristo morreu para salvar pecadores?

HOMEM: Certamente.

PREGADOR: Então se Cristo morreu em seu lugar, o senhor deve ser salvo, não é?

HOMEM: Sim, nunca pensava disto.

Assim o homem ficou enganado, confiando na lógica do pregador, mas não no Salvador.

Outro tratado muito popular cita Isaías 53:6: «Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele, a iniquidade de nós todos».

O escritor do tratado diz que «todos» no princípio e no fim do versículo são as mesmas pessoas. Isto é verdade no caso mencionado em Isaías, porque fala dum povo arre-

pendido e crente no Senhor. O tratado, porém, aplica a palavra «todos» ao povo pecador e indiferente de hoje. Neste caso, somente o primeiro «todos» é aplicável, mas não o segundo «todos».

W. Anglin

Uma Conversa Antediluviana

SEM. Ó papai, hoje é o centenário da inauguração do trabalho de construção da nossa Arca. O povo, porém, está dizendo que é absurdo construir um navio, o maior no mundo, em terra seca longe de qualquer água. Dizem nossos vizinhos que tudo vai como de costume, festas, bailes e casamentos e não há sinal de qualquer mudança ou desastre como o senhor prega.

NOÉ! É verdade, meu filho, temos continuado durante um século com nosso serviço, mas foi Deus, nosso Criador, que me mandou fazer esta obra para nossa salvação. Eu acredito que tudo quanto Deus me disse há de ser realizado e o juízo cairá sobre este povo que tem se esquecido de seu Criador e continua em sua iniquidade. Há, porém, razão pela demora no cumprimento da Palavra de Deus. Ele é longânimo, não querendo que alguém se perca, mas que todos cheguem ao arrependimento.

CÃO. Mas, papai, o povo não acredita na Palavra de Deus e não crê que há perigo de juízo. Dizem nossos vizinhos que nós somos loucos. Até nossos próprios carpinteiros, que nos ajudam na construção da Arca, dizem que perdemos nosso tempo e dinheiro, e querem mas ordenado pelo serviço. Dizem, também, que somente sendo bem pagos, nos ajudarão no trabalho.

Para eles o dinheiro é mais importante do que qualquer idéia de salvação, pois pensam não ser necessária.

JAFET. Sim, o povo está enjoado com a pregação de papai e julgo que seria melhor modificar nosso programa. Em vez de falar tanto de juízo e salvação, podemos atrair o povo melhor com algum divertimento. Nosso côro deve tomar o lugar mais e mais da pregação e, de vez em quando, devemos arranjar uma apresentação, uma espécie de teatrozinho, e então o povo é capaz de escutar melhor. Alguns dizem que o Criador é cheio de amor e não pensaria em destruir o mundo que criou, castigando os novos e velhos igualmente.

NOÉ. Meus filhos, Deus mandou-me pregar o juízo, e salvação pela Arca e eu vou obedecer-lhe ainda que o povo não queira ouvir minha pregação e ainda que o dia de juízo demore. A mensagem é desagradável às pessoas que se têm esquecido de Deus e desejam continuar em seus pecados. Recebi minha mensagem de Deus, e Sua Palavra é minha regra, guia e autoridade. Vou continuar com a mesma mensagem que Deus me deu, embora Ele demore mais cem anos no cumprimento da Sua Palavra.

NOÉ continuou mais vinte anos, pregando a mesma mensagem que Deus lhe deu, e então veio o dilúvio e o povo descobriu, tarde demais, que Noé pregara a verdade. Os carpinteiros que foram tão bem pagos pelo serviço pereceram nas águas.

W. Anglin

Histórias de Nossos Dias

Em número 64 de nosso jornal, escrevemos a história de Francisca

Crosby, a cega escritora de tantos hinos, e contamos o caso dum marinheiro que foi convertido quando ouviu um desses hinos cantado (17 de H&C) numa reunião ao ar livre na Ilha de Malta. Em seguida, contamos outro caso da conversão duma moça pelo mesmo hino.

Jení era uma datilógrafa muito boa num escritório duma fábrica. Começou a assistir reuniões evangélicas numa certa igreja, e mostrava interesse, embora ela evitasse a companhia e amizade de moças crentes ali. Foi descoberto que ela era vítima do hábito de tomar certa droga, e era prêsa do vício, embora desejasse livrar-se desta escravidão. Ela possuía uma bonita voz e cantava bem.

Na igreja esperavam uma série de reuniões evangelísticas e alguns queriam convidar Jení para cantar certa noite, mas outros julgavam que ela não devia tomar parte nas reuniões por causa do vício. Finalmente, ela disse que não queria cantar em qualquer reunião. As reuniões foram muito abençoadas e várias pessoas foram convertidas. Na última noite, inesperadamente, Jení pediu licença para cantar um hino e o consentimento lhe foi dado. Ela cantou o hino mencionado. Literalmente traduzidas, as primeiras linhas são: «Jesus com ternura está chamando por ti, sim, chamando hoje por ti». Aparentemente tudo foi bem até a última estrofe e, então, sua voz mudou em soluços, e cobrindo sua face com as mãos, Jení fugiu para outra sala. Suas amigas foram para lá, e achou-a prostrada no chão com seu rosto escondido nas mãos. Ela disse: «Oh! perdôa-me, perdôa-me. Não podia fazer outra coisa. Ouí Jesus chamando-me enquanto cantava. Rendi-me a Ele, tudo que tenho e tudo que sou. Sei que a luta está terminada e o Senhor me salvou.»

Desde aquêles momentos ela ficou livre do terrível hábito que estava arrasando-a à perdição. Ela achou a vitória no Senhor. Foi um milagre da graça e um novo nascimento, abrindo caminho para uma nova e mais ampla vida em Cristo.

Ela disse depois: «Foi a noite mais escura que jamais conheci. Senti-me absolutamente sem esperança, embora com desejo desesperado de escapar da servidão. Alguma coisa obrigou-me a cantar naquela noite, e enquanto cantava o hino, esqueci-me completamente de mim mesmo e fiquei a sós com Deus. Ouí a voz de Jesus chamando-me para sair da profundidade de meu desespero, e então rendi-me ao Senhor.

Jení achou perdão e era uma nova criatura em Cristo Jesus. Ajudou no trabalho da igreja, visitando os doentes e pobres, trazendo-lhes consolação e apontando-os a Cristo. Ela cantava também, para atrair outros ao Salvador.

Estudo Sobre a Primeira Epístola aos Coríntios

Capítulo 7

Neste capítulo temos a resposta do Apóstolo Paulo às perguntas feitas pelos Coríntios acerca da família, casamentos, maridos e esposas. Por exemplo: quando um dos socios dum casal é cristão e outro pagão, devem separar-se um do outro? A resposta é «não», pois as relações são sagradas. Aos olhos de Deus, um deles sendo cristão, a família é considerada «santificada», isto é, separada do mundo. Evidentemente trata-se dum casamento feito antes da conversão do socio cristão. Depois da conversão, o cristão deve casar-se somente «no Senhor». É importante notar que no versículo 14, a palavra

«santos», aplicada aos filhos dos crentes, é adjetivo, e não é um título, como é em 1 Coríntios 1:2, onde é aplicado a todos os cristãos.

Os ensinamentos no capítulo acêrca do casamento não precisam de explicação, a não ser versículos 36, 37 e 38. A tradução em nossas Bíblias (e, infelizmente, na nova revisão também) dá-nos a triste idéia de um pai com filha de idade para casar-se, mas ele tem coração endurecido e forte vontade para não permitir a filha casar-se. Ele guarda a pobre moça em casa para sempre. Segunda esta tradução, o Apóstolo pensa que o pai faz bem e aprova essa atitude. Há, porém, uma tradução melhor, que muda completamente esta idéia. Na tradução feita por Sr. J. N. Darby, e revisada por Sr. W. Kelly (um dos mais eruditos estudantes das línguas mortas e da Bíblia no século passado) traduz a palavra grega *PARTHENOS* com a palavra «virgindade». Outra bem conhecida obra: «Englishman's Greek Testament» também, tem a mesma tradução: «virgindade». Não há no texto qualquer idéia dum pai ou filha, mas trata-se dum irmão solteiro que tem vontade sobre sua própria virgindade, e resolve (como fez o Apóstolo) não se casar. Os últimos versículos dão o mesmo conselho a viúvas cristãs.

Capítulo 8

O Apóstolo Paulo responde neste capítulo à pergunta: devem os cristãos assistir as festas nos templos pagãos? A resposta é que, embora os ídolos não fôsem realmente deuses, o cristão devia considerar a consciência de irmãos mais fracos na fé. Vendo um irmão assentado no templo, comendo carne sacrificada a um ídolo, os irmãos mais fracos na fé são capazes de seguir o mesmo exemplo e talvez pudessem sentir que tomavam parte em idolatria; ou outro

irmão é capaz de ser escandalizado com tal exemplo da parte de um cristão. Os últimos três versículos contêm um princípio importante para cristãos em todos os tempos. Hoje não há em nosso país, templos dos ídolos dos pagãos, mas o princípio de considerar a consciência fraca dos irmãos na fé, é aplicável. Por exemplo um irmão está acostumado a tomar bebida alcoólica, e outro segue seu exemplo e, em pouco tempo, cai em embriaguez. Temos conhecido tais casos. Ou um irmão, que é pregador, frequenta o cinema, e outros crentes seguem seu exemplo, e gradualmente perdem toda a espiritualidade. É melhor que o crente se abstenha de tudo quanto seja capaz de fazer seu irmão tropeçar.

Capítulo 9

Este capítulo, contendo a experiência do Apóstolo, é um grande contraste com irmãos em capítulo 8, que escandalizavam outros cristãos. Ele tinha direito de casar-se, como fizera Cefas (Pedro), mas resolveu não fazê-lo. Tinha direito de viver do Evangelho, aceitando dinheiro dos cristãos, mas preferia trabalhar com suas próprias mãos. Os versículos 19 a 27 contam do ardente desejo de Paulo de levar o Evangelho aos seus semelhantes. Estava pronto a sacrificar conforto, força, sua própria vontade e natureza para «chegar a salvar alguns». O versículo 22 é um resumo da sua vida depois da conversão. O crente deve ler e meditar na significação deste versículo.

Então o Apóstolo emprega sua ilustração predileta da carreira cristã, isto é, as corridas nos jogos gregos. Os moços treinaram seu corpo e apetite, negando-se todo o luxo, e abstendo-se de certas comidas e bebidas, subjugando seus corpos afim de ganhar a vitória no anfiteatro, para

obter uma coroa de louro que murcharia em poucos dias.

Os últimos versículos são um sole-ne aviso aos pregadores do Evangelho. O Apóstolo Paulo mesmo temeu que algum hábito pudesse ser um tropeço para os cristãos ou descrentes; ou que ele mesmo caísse em algum costume que pudesse prejudicar seu serviço, resultando em ser reprovado depois de pregar: isto é, que Deus o despacharia de Seu serviço por não prestar mais como servo do Senhor. Temos conhecido servos do Senhor que Deus despachara assim.

Uma Pergunta Importante

Certo advogado foi assistir a uma série de discursos sobre a Bíblia por um doutor em teologia, muito eloquente e erudito. O advogado, depois das reuniões, foi visitar o pregador e disse-lhe que fora convertido durante a campanha. O orador perguntou-lhe: «E qual dos meus discursos converteu o amigo?» O advogado respondeu que não foram as pregações que resultaram em sua conversão, mas um incidente muito simples. Uma tarde, quando descia a escada do templo, deixou cair sua bengala. Uma pobre mulher apanhou-a e entregou-lha, com a face radiante de gozo, dizendo: «Será que o senhor conhece meu bendito Salvador?» O cavalheiro não podia se esquecer das palavras, e não descansou até que pôde dizer: «Sim, conheço-O».

Palavras simples de coração são, muitas vezes, as setas que penetram o coração, enquanto sermões eloquentes são esquecidos em pouco tempo.

Correspondência

Temos terminado nossa correspon-

dência sobre o modo do batismo, mas queremos oferecer as seguintes sugestões aos batizadores, imersionistas, aspersionistas, pastores ou «leigos».

(1) Pedi ao Senhor que Ele vos impressione com a importância, solenidade e responsabilidade de invocar o nome da Santa Trindade, batizando um candidato ao Senhor Jesus.

(2) Estudai bem o assunto e significação do batismo no Novo Testamento até entenderdes todos os aspectos do rito, e não mais pensais que é meramente uma profissão de fé.

(3) Indagai com antecedência e com cuidado se o candidato é digno e entende a significação do rito.

(4) Administrai o rito com toda a reverência, solenidade, impressionando assim todos os presentes durante a cerimônia.

Na África, quando há candidatos para o batismo, os missionários têm classes para ensinar-lhes a significação e importância do rito. Mas no Brasil encontramos pessoas batizadas por pastores que não entendem nada do assunto.

Já temos citado o caso do pastor que batizou os filhos de espiritas. Acabamos de receber uma carta dum leitor, dizendo que fora católico romano, mas depois de conversão, queria ingressar numa igreja presbiteriana. Um dia, depois duma reunião, o pastor chamou-o para a frente e perguntou-lhe publicamente se estava pronto a ser dizimista. Depois, sem interrogar-lhe mais, aspergiu-o com água. Ele não entendeu a significação do rito, mas foi assim feito membro da igreja.

Será que o batismo não tem bastante importância para merecer uma reunião especial, com leitura da Palavra de Deus e oração? Ao nosso ver será melhor numa casa particular. Às vezes, um candidato é chamado

para a frente depois duma pregação e no mesmo momento aspergido com água dum copo e assim termina o serviço. Tal procedimento tem o efeito de desprestigiar o rito que o Senhor mandou os apóstolos celebrar no nome da Trindade, antes que Ele voltasse ao Céu. Perguntamos: Que efeito tem o rito, administrado desta maneira, no coração do candidato? Certamente o exercício espiritual seria reduzido ao mínimo. A imersão tem a tendência de impressionar mais o candidato com a importância do batismo. O batizador que usa imersão, porém, deve sentir uma responsabilidade para ver que tudo seja feito com decôro e solenidade.

Para impressionar o povo da colônia de Georgia (America do Norte) com a solenidade do batismo, o fundador do metodismo, João Wesley, que servia como capelão anglicano na colônia, batizava as criancinhas por três imersões! As mães (e provavelmente os «candidatos» pequenos também) protestaram, mas Wesley insistiu. Neste caso nossa simpatia estaria com as mães e criancinhas!

Um irmão nos escreve que a questão do modo do batismo tem sido debatido durante séculos. O fato é, porém, que não há e nunca houve teólogo erudito ou historiador competente, protestante, católico ou grego que não soubesse que imersão era o modo no princípio. Até as pedras dos batistérios antigos em diversas cidades da Europa proclamam o fato. Certamente o Senhor não ensinou duas maneiras de batizar!

Há porém uma diferença de opinião acerca da relativa importância dos dois modos, nestes dias, quando os batizados são quase todos criancinhas.

Também tem havido uma diferença de opinião sobre se devem ser batizados crianças ou somente cren-

tes. Este assunto não temos discutido em nossas páginas.

Na igreja deve haver liberdade de consciência e tolerância e o batismo não deve ser feito uma questão eclesiástica. O ATO do batismo não precisa ser público mas o FATO deve ser. Quando uma igreja domina em questões do batismo ou serviço individual, é sinal de ignorância e intolância. Uma das qualificações dum crente para participar na Santa Ceia é que fora batizado, e ninguém deve ser recebido sem que a igreja saiba deste fato. Em muitas congregações um candidato seria recebido sem ser perguntado acerca do rito inicial, pois é considerado uma cerimônia sem importância. Uma das razões desta grande falta é que a aspersão não simboliza as verdades de Romanos 6; como faz a imersão.

Em escrever os artigos sobre o batismo nosso desejo foi (1) impressionar os leitores com a importância, solenidade e significação do batismo (2) trazer à consideração dos irmãos as verdades do capítulo 6 de Romanos ou ignoradas ou negligenciadas.

Brahmanismo

Brahmanismo é uma das religiões da Índia e seus adeptos são proibidos a tomar a vida (até matar cobras!) ou comer carne. Um médico inglês mostrou a um Brahmane por meio dum microscópio que a água que bebiam continha vida na forma de microbios. O Índio ficou muito zangado com esta revelação e tomou a primeira oportunidade de quebrar o microscópio!

Pergunta 1. Meu avô foi sempre católico, pensando estava salvo; pois vivia em boa consciência, mas morreu sem nunca ouvir o Evangelho. Como será julgado.

Resposta. Sem saber todas as circunstâncias e especialmente os moti-

vos que o influíam na vida, seria difícil formar uma opinião, mas é provável que o irmão encontrará seu avô na glória. Haverá no céu milhares de pessoas que durante suas vidas terrestres eram católicos, monges, freiras, padres ou «leigos». Não referimo-nos aos muitos católicos que encontramos diariamente, mas há alguns que são humildes de coração, arrependidos dos seus pecados (às vezes mais do que alguns crentes «protestantes».) Tais não têm a luz do Evangelho que traz a paz ao coração, mas andam toda a vida sem esperança certa, mas esperam que Deus tenha misericórdia da alma devido à obra da cruz. Acreditam nas dogmas da sua igreja, porque são ensinados assim, mas como teorias. Lemos dêste tipo de pessoa em Romanos 2:7.

Pergunta 2. É a luz criada no princípio da criação, a mesma como a do Evangelho de João 1:4 e 5?

Resposta. Não. A luz criada é física e vemos com nossa vista natural. A luz no Evangelho de João não foi criada; é eterna e espiritual. Foi revelada pelo Filho de Deus, o Verbo feito carne, — «Luz do Mundo». O Evangelho de João é a revelação de Deus, em Cristo, como LUZ, AMOR e VIDA.

Pergunta 3. Deve o crente que prega o Evangelho ser maçônico?

Resposta. Não, porque é jugo desigual. O melhor livro que serve como resposta a esta pergunta é: «A Maçonaria e a Igreja Cristã, Demonstração da incompatibilidade existente entre uma e outra instituição» escrito por Eduardo Carlos Pereira. Em 2 Coríntios capítulo 6 lemos: «Não vos prendais a um jugo desigual com os descrentes, porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que

comunhão tem a luz com as trevas... que parte tem o crente com o descrente?

Pergunta 4. Deve uma reunião administrativa da igreja ter um presidente?

Resposta. Nunca assistimos a uma reunião administrativa. Julgamos que é um ajuntamento de todos os membros duma igreja local, homens, mulheres, moços e moças para «administrar» os negocios da igreja. Não sendo o modo bíblico de governar a igreja local, não podemos esperar instruções sobre o assunto na Bíblia.

Em nosso serviço há liberdade mas não devemos empregar qualquer meio que seja capaz de impedir a operação do Espírito Santo em nosso trabalho. Por exemplo, numa escola dominical, que é serviço coletivo, precisamos de certa organização e um presidente ou «superintendente».

Em assuntos eclesiásticos, temos de «seguir o modelo mostrado no Monte», como Moisés foi instruído na construção do Tabernaculo, que era a Casa de Deus no deserto. Em Hebreus 8 lemos: «Moisés divinamente foi avisado: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou», (vers. 6). O «modelo» ou modo de governar a Igreja é explicado em 1 Timot. 3 e Tito 1. Para nós o «Monte» é as epístolas do Apóstolo Paulo, a quem Deus revelou o «modelo» da Igreja.

No segundo século da era cristã, os anciãos das igrejas resolveram eleger um presidente a quem deram o título «O Bispo», os outros anciãos não sendo considerados mais bispos, como eram segundo Tito 1 e Atos 20:28.

Este desvio finalmente desenvolveu-se em ter o «Papa».

Uma Menina Crente Fez o que Podia

Maria assistiu à pregação do Evangelho e confessou Cristo. Depois, ajudava no serviço do Senhor, ensinando em uma escola dominical e falando nas reuniões de Senhoras. Continuou assim durante uns anos; mas depois veio uma prova. O jovem João Parker queria casar-se com ela. Não era crente, mas prometeu deixar Maria continuar sua vida religiosa, enquanto ele seguiria sua vida mundana. Depois de pensar no assunto, Maria consentiu. Durante algum tempo, depois do casamento, tudo correu bem, aparentemente. Um dia João pediu que Maria o acompanhasse ao cinema e prometeu assistir a uma reunião evangélica, depois. No princípio Maria recusou; depois, abafando a consciência, resolveu ir uma vez. Foi. Mas o cinema atraiu-a tanto que continuou, e gradualmente perdeu todo interesse na vida espiritual e acompanhou João em Sua vida mundana.

Um dia foi chamada para ir depressa ao hospital para ver sua irmã, Helena, moribunda. Ao vê-la, Helena exclamou: «estou muito satisfeita que vieste, pois quero conhecer o caminho de salvação.» Maria, muito triste, sentiu que não podia satisfazer sua irmã e saiu do hospital tão cedo quanto possível. Felizmente, uma das enfermeiras era crente e apontou Cristo a Helena, orando com ela. Depois, oraram juntas por Maria, para que fôsse restaurada ao Bom Pastor.

O marido, João, adoeceu e depois de gastar todo o dinheiro de suas economias com remédios, faleceu. Mudaram-se para uma aldeia, onde Maria trabalhava para manter a família de dois filhos e uma filha cha-

mada Jeni, de onze anos. Jeni assistia a uma escola dominical na aldeia e ficou muito satisfeita em cantar os hinos que aprendera da sua mãe, quando pequena. Era muito inteligente. Sentiu-se triste porque a mãe sempre parecia triste. Passando juntas, à tarde, pela Casa de Oração, ouviram o hino: «Grato é ouvir a história de divinal favor»; Jeni pediu à mãe que assistisse à reunião mas Maria respondeu: «Não, não frequentamos tais reuniões agora.» A filha respondeu: «Então, mamãe quer que eu cresça uma moça má como Rute Conor?, mas neste caso, não serei eu culpada». Esta resposta de Jeni foi dura demais para a mãe e ela prometeu assistir, durante a semana, a uma série de pregações evangelísticas dirigida pelo Sr. Rees. Cada dia Jeni se esforçava para aprontar tudo antes da hora da reunião para ir com a mãe. Maria ficou mais e mais impressionada e, depois da última reunião, levantou-se para sair, quando sentiu que o Senhor lhe dizia: «Vem agora, porque talvez Eu não te convide outra vez». Ela voltou para falar com o pregador e também voltou ao Bom Pastor naquela noite.

Seis meses depois, Jeni, que era de saúde débil, faleceu. Antes de morrer, evangelizou seus dois irmãos mais velhos e eles foram convertidos também.

(Traduzido dum livro escrito por D. Jean Anglin Rees).

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLÁ, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade